

Revista
PRAIAVERMELHA
Estudos de Política e Teoria Social

v. 23 n. 2
Julho/Dezembro 2013
Rio de Janeiro
ISSN 1414-9184

Revista Praia Vermelha	Rio de Janeiro	v. 23	n. 2	p. 321-624	Jul/Dez 2013
------------------------	----------------	-------	------	------------	--------------

ENTREVISTA



Michael Löwy

Sociólogo, é nascido no Brasil, formado em Ciências Sociais na Universidade de São Paulo, e vive em Paris desde 1969. Diretor emérito de pesquisas do Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS). Homenageado, em 1994, com a medalha de prata do CNRS em Ciências Sociais, é autor de *Walter Benjamin: aviso de incêndio* (2005), *Lucien Goldmann ou a dialética da totalidade* (2009), *A teoria da revolução no jovem Marx* (2012) e organizador de *Revoluções* (2009) e *Capitalismo como religião* (2013), de Walter Benjamin.

Revista Praia Vermelha: Seu livro sobre a teoria da revolução no jovem Marx discute a relação da revolução comunista como autoemancipação proletária. Como pensar tal noção de emancipação humana no capitalismo contemporâneo do século XXI?

Michael Löwy: A tese fundamental de Marx - a libertação dos oprimidos e explorados só poderá ser uma auto-emancipação revolucionária - me parece tão atual quanto em 1846. Necessitamos, entretanto, de um conceito bem mais amplo do sujeito revolucionário: ele inclui o proletariado mas também, por exemplo na América Latina, o "pobretariado", a massa dos oprimidos e excluídos, a juventude, os camponeses, os indígenas, os afro-latino-americanos. Outra novidade é o lugar central que a ecologia deve ocupar no programa socialista-revolucionário do século 21. A emancipação humana é inseparável do combate para salvar a natureza da destruição capitalista.

RPV: Na antologia que o senhor organizou sobre o pensamento marxista na América Latina no século XX, destaca-se o ensaio A democracia como valor universal, de Carlos Nelson Coutinho, como um dos principais textos do marxismo latino-americano. Quais as razões para a escolha do texto de Coutinho? E o que ele tem de atual?

ML: Considero este texto como um verdadeiro divisor de águas na história do marxismo no Brasil e na América Latina, enquanto ruptura com o stalinismo e com as tradições autoritárias da esquerda. O argumento central do ensaio de 1979 - o valor universal das liberdades democráticas - inspirado em Gramsci e em Rosa Luxemburgo, me parece profundamente acertado. Só discordo de alguns aspectos do ensaio de Carlos Nelson que refletem a influência do gradualismo do PC Italiano e do etapismo do PCB. Nos anos seguintes Carlos Nelson vai completar dialeticamente seu argumento: se não pode existir socialismo sem democracia, é igualmente verdadeiro que não pode existir uma democracia autêntica sem socialismo...

RPV: Do fim do “Muro de Berlim” ao fim do “Muro do dinheiro”. Considerando uma série de questionamentos que surgiram a partir das manifestações de junho no Brasil - tais como, apesar dos supostos índices de crescimentos econômicos, malgrado o país estar sendo a “terra dos grandes negócios” etc.; considerando que grande parte da população se sentia excluída e não tinha seus direitos básicos e universais respeitados - só para ficar em alguns exemplos, em suma, da perspectiva marxista, que análise o senhor faria dessas manifestações?

ML: Vivendo em Paris só pude acompanhar de longe estas impressionantes “Jornadas de Junho”. Minhas conclusões derivam de discussões com amigos brasileiros. Parece-me fundamental enfatizar a reivindicação que funcionou como o estopim da explosão: o Passe Livre, a tarifa gratuita, o fim das catracas. A questão do transporte coletivo gratuito é ao mesmo tempo uma exigência de elementar justiça social, uma afirmação do princípio de gratuidade contra o dogma capitalista de que tudo tem que ser mercadoria, e uma proposta ecológica, que tem o potencial de reduzir a circulação de automóveis nas cidades. Mais tarde apareceram outras demandas legítimas, o protesto contra a brutalidade policial, a exigência de programas de saúde e educação, etc. Houve também certa confusão política, e a tentativa de setores direitistas de excluir as forças de esquerda das manifestações. Mas o essencial é que a juventude e a população se mobilizaram, desceram às ruas e obtiveram vitórias: a luta recompensa!

RPV: Diante do dilema de se apresentar sempre pelo poder vertical ou sempre pelo poder horizontal, a atualização da estratégia de uma “frente”, a qual contasse com o PCB, PSOL, PSTU, por exemplo, bem como com grupos progressistas diversos, não poderia trazer contribuições para as lutas contemporâneas anticapitalistas? A referida estratégia não poderia, por exemplo, ser um dos desdobramentos propositivos e de avanços históricos, sobretudo, a partir das recentes manifestações brasileiras?

ML: Simpatizo com esta proposta, mas vivo longe demais do Brasil para poder propor táticas e estratégias para a esquerda radical...

RPV: Há autores, tais como André Gorz, que pensando a classe trabalhadora, dão a entender que atualmente ela está propriamente diluída

e perdeu seu potencial de transformação. De outro lado, existem aqueles, os quais, ao contrário, dizem que ela está mais viva do que nunca. Aqui, entre outros, destaca-se Ricardo Antunes: atualmente essa classe, para ele, afora não se reduzir apenas ao grupo que “veste uniforme de operário nas fábricas”, é sinônima de um grupo que, além de ter ampliado seu poder protagonista, vive exclusivamente de seu salário (operários, professores, funcionários públicos, trabalhadores de telemarketing, trabalhadores no campo, pequenos comerciantes etc.). Diante disto, como o senhor pensa especificamente essa questão?

ML: Compartilho da opinião de meu amigo Ricardo Antunes de que necessitamos um conceito mais amplo do proletariado. André Gorz, cuja contribuição a uma ecologia socialista é importante, se enganou redondamente ao acreditar que o proletariado estaria em vias de desaparecimento. Mas como sugeri na minha resposta à primeira questão, necessitamos de uma visão ampla e plural do sujeito da emancipação humana.

RPV: Ao analisar o cristianismo da libertação, você destacou o protagonismo anterior de comunidades eclesiais, movimentos da juventude católica, das resistências dos camponeses e povos indígenas, colocando em relevo que a agenda trabalhada ultrapassava em muito as posições até então dominantes na esquerda socialista. Existiu uma pedagogia dos subalternos naquele contexto? É possível falar em influência de Paulo Freire? O que ficou desse movimento para a renovação do marxismo?

ML: Acho que efetivamente o cristianismo da libertação teve o mérito, desde os anos 1960 e 1970, de avançar uma visão claramente anticapitalista, numa época em que a principal força de esquerda, o PCB, só se referia a um programa "nacional-democrático". Isto está presente em documentos da JUC, das CEBs, das pastorais populares, de vários bispos e, bem entendido, dos teólogos da libertação. O cristianismo da libertação levou na prática uma pedagogia dos subalternos, da qual Paulo Freire foi expressão, e, num segundo momento, inspiração. O que ficou deste movimento para o marxismo foi uma compreensão dialética do fenômeno religioso e de suas potencialidades subversivas, uma valorização da democracia de base e da cultura popular, e uma sensibilidade ética anticapitalista.

RPV: De acordo com Lukács (in “O homem e democracia”), a democracia e o socialismo devem ser construídos, sobretudo, a partir do cotidiano. Diante disto, até que ponto, pensando nas experiências autoritárias, tais como ocorreram sob o dito socialismo stalinista, não deveríamos repensar esse procedimento pela reconstrução de práticas mais democráticas nas instituições sociais e mesmo entre os partidos ditos de esquerda?

ML: Sem dúvida! O stalinismo foi um desastre de proporções históricas para a esquerda e o socialismo, uma ruptura com esta herança nefasta é condição indispensável para abrir um novo caminho para o socialismo no século 21. Isto significa o reconhecimento da importância não só das liberdades democráticas tradicionais, mas também da democracia como processo de participação direta, pela base, das camadas populares nas decisões políticas. É preciso também assegurar um espaço não institucional, ou mesmo anti-institucional, para certas iniciativas democráticas. Quanto aos partidos, é importante que reconheçam o pluralismo político da esquerda, que renunciem a pretensão arrogante do monopólio da verdade, e que sejam capazes de criar frentes únicas de luta contra o adversário comum, o capitalismo.

* Pela Revista Praia Vermelha participaram da entrevista Marildo Menegat (ESS-UFRJ); Marcelo Braz (ESS-UFRJ), Roberto Leher (FE-UFRJ); Luis Acosta (ESS-UFRJ) e Rogério Lustosa Bastos (ESS-UFRJ).

** Foto de abertura: Adrián Estévez

*** Descrição de abertura: Blog da Boitempo

**UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO**

REITOR

Carlos Antônio Levi da Conceição
PRÓ-REITORA DE
PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
Débora Foguel

**ESCOLA DE SERVIÇO SOCIAL
DIRETORA**

Mavi Pacheco Rodrigues

VICE-DIRETOR

Marcelo Braz

**DIRETORA ADJUNTA
DE PÓS-GRADUAÇÃO**

Rosana Morgado

EDITORES

José María Gómez (ESS - UFRJ)

José Paulo Netto (ESS - UFRJ)

Maria de Fátima Cabral Marques Gomes
(ESS - UFRJ)

Myriam Lins de Barros (ESS - UFRJ)

COMISSÃO EDITORIAL

Luis Eduardo Acosta Acosta (ESS-UFRJ)

Rogério Lustosa Bastos (ESS-UFRJ)

CONSELHO EDITORIAL

Alcina Maria de Castro Martins (ISMT, Coimbra-Portugal), Ana Elizabete Mota (UFPE-PE), Antonia Jesuíta de Lima (UFPI-PI), Berenice Couto (PUC-RS), Casimiro Balsa (CESNOVA/UNL-Portugal), Cibele Rizeck (USP-SP), Cleusa dos Santos (UFRJ-RJ), Consuelo Quiroga (PUC-MG), Denise Bomtempo Birche de Carvalho (UNB-DF), Edésio Fernandes (University College London - Inglaterra), Elizete Menegat (UFJF-MG), Helena Hirata (GEDISST-GNRS-França), Ivete Simionatto (UFSC-SC), José Fernando Siqueira da Silva (UNESP-SP), Júlio de Assis Simões (USP-SP), Leilah Landim (UFRJ-RJ), Liliane Capilé Charbel Novaes (UFMT-MT), Marcelo Badaró (UFF-RJ), Margarita Rosas (Universidad de La Plata-Argentina), Maria Carmelita Yasbeck (PUC-SP), Maria da Ozanira Silva e Silva (UFMA-MA), Maria das Dores Campos Machado (UFRJ-RJ), Maria Liduína de

Oliveira e Silva (UNIFESP-SP), Maria Lúcia Carvalho Silva (PUC-SP), Maria Lucia Martinelli (PUC-SP), Maria Lúcia Weneck Vianna (UFRJ-RJ), Michael Lowy (EHESP-França), Monica Dimartino (Universidad de La Republica de Uruguay-Uruguai), Neli Aparecida de Mello (USP-SP), Potyara Amazoneida Pereira (UnB-DF), Ricardo Antunes (UNICAMP-SP), Rogério Lustosa Bastos (UFRJ-RJ), Salviana Pastor Santos Sousa (UFMA-MA), Sérgio Adorno (USP-SP), Sueli Bulhões da Silva (PUC-RJ), Sulamit Ramon (London School of Economics-Inglaterra), Valéria Forti (UERJ-RJ), Vera da Silva Telles (USP-SP), Vera Lúcia Gomes (UFPA-PA), Vicente de Paula Faleiros (UnB-DF).

ASSESSORIA TÉCNICA

Fábio Marinho

Márcia Rocha

PRODUÇÃO EXECUTIVA

Márcia Rocha

REVISÃO

Maria de Fátima Migliari

PESQUISA DE IMAGENS

Márcia Rocha

**DESIGN EDITORIAL
E DIAGRAMAÇÃO**

Fábio Marinho

WEB DESIGN

Fábio Marinho

Escola de Serviço Social - UFRJ
Av. Pasteur, 250/fundos (Praia Vermelha)
CEP 22.290-240 Rio de Janeiro - RJ
(21) 3873-5386
praiavermelha.ess.ufrj.br

Foto de Capa: Manfred Brückels